

CONCLUSÕES:

Não há conhecimento no mundo que possa aprovar a “certeza” dessas linhas; o racionalismo, pelo contrário, pode provar facilmente que elas não são certas. Seu valor no entanto é atestado pelo extremo *valor vital* dessas linhas. E o que ocorre no tratamento prático é que o importante é a vida proporcionada ao homem e não que os princípios de sua vida possam ser demonstrados racionalmente como “certos”.

CARL G. JUNG

Concluído o estudo, pode-se afirmar que o RB1 é um reflexo da “*identificação emocional inconsciente*” da *consciência civilizada* — determinada pela “racionalidade” da *mão invisível* dos interesses econômicos. À luz da *lógica* e da *razão científica*, a nova “racionalidade” produz seus símbolos de afirmação, de domínio sobre a natureza ou sobre determinados setores da própria sociedade que, em sua demonstrada irracionalidade, produzem um ambiente desprovido de identidade.

Em seu desprezo às recomendações bioclimáticas, reflexo da *vontade* de seus idealizadores e compradores, o RB1 “socializa” entre consumidores e usuários as conseqüências de um projeto concebido de forma irresponsável, mesmo que reconhecidamente belo.

Conforme evidenciado em 2.2. *Análise Pós-Ocupação por Observação participante*, o projeto — e também sua comercialização e popularidade — confunde a *aparência* com a *essência* do produto, que obedece aos “modernos” ditames da internacionalização dos costumes e valores a que toda a humanidade está submetida.

Na verdade, o sucesso comercial e o reconhecimento popular do edifício evidenciam a irresponsabilidade generalizada na análise do ambiente construído. O presumido *desvio de conduta* formulado na *Introdução*, é conseqüência da herança cultural e não pode ser atribuído exclusivamente aos *interesses* de determinados grupos sociais/econômicos ou categorias profissionais. É um problema cultural cuja solução extrapola as boas intenções e a produção intelectual dos pesquisadores e adeptos do bioclimatismo bem como os objetivos deste estudo.

O estudo evidencia que a natureza da dificuldade de disseminação dos princípios e recomendações bioclimáticos é um problema cultural sedimentado com sutis variações, no saber dos arquitetos e construtores e no gosto popular — dos proprietários, ocupantes e cidadãos que, passadas três décadas de explicitação dos equívocos dos modelos adotados, continuam seduzidos pelas idéias de modernidade e “*desenvolvimento osmótico*” que justificam seus *monumentos da*

irracionalidade. Esta persistência sugere que alguma coisa precisa ser modificada na estratégia bioclimática, se o seu objetivo for, realmente, harmonizar as relações homem-ambiente.

Por outro lado, deve ser observado que a superficialidade como a produção e comercialização dos edifícios/ambientes é tratada, não corresponde à tendência crescente de maior exigência em relação a critérios e cuidados utilizados na escolha de produtos disponíveis no mercado — embora aproxime-se da lógica de curto prazo que fundamenta as políticas econômicas tão conhecidas dos brasileiros:

Enquanto a escolha dos produtos, geralmente, é realizada após a análise dos resultados de testes comparativos de qualidade e performance de produtos similares — especialmente quanto a custo, durabilidade, manutenção e economia —, a escolha de edifícios/ambientes construídos é determinada, fundamentalmente, pela sua aparência, custo inicial e novidade da tecnologia embarcada, dissociados de qualquer relação com as conseqüências custo-benefício — lógica de curto prazo. Enquanto a meta do fabricante ou do projetista é criar produtos com desempenhos que atendam às expectativas de um mercado cada vez mais exigente e competitivo, tais como preços acessíveis, que apresentem o mínimo possível de defeitos, a meta de construtores e incorporadores restringe-se ao primeiro quesito — lógica do lucro fácil que não mede recursos para a *aparência*, mas economiza na *qualidade essencial*.

Esta mudança de comportamento é determinada, basicamente, pelos seguintes fatores:

- falta de escrúpulos dos “fabricantes” do ambiente construído, em um mercado onde há carência permanente de imóveis, e nenhuma exigência qualitativa,
- falta de consciência de cidadania — desconhecimento dos direitos civis,
- prevalência da economia de curto prazo, sinônimo de baixa qualidade, e
- inoperância da justiça brasileira.

O trabalho confirma as duas *hipóteses de trabalho* formuladas na *Introdução*, com o objetivo de responder ao “desvio” de conduta. A arquitetura cada vez mais desvia-se de sua razão ética para servir aos interesses do capital imobiliário e ao *ego* do arquiteto, que passa a propor “desafios” irresponsáveis¹ cujas conseqüências são repartidas entre poder público, contribuintes e ocupantes — condenando estes últimos à dependência de dispendiosos equipamentos para garantir seu

¹ Como o admitido por Edmundo MUSA na matéria publicada na revista VEJA (09/09/92: 19): *nunca se construiu um prédio tão alto em um terreno tão pequeno*.

conforto e bem-estar, para alegria dos fabricantes e empresas de manutenção. O homem “domina” a natureza e entrega-se à máquina.

O reconhecimento das dificuldades para disseminar a arquitetura bioclimática e da prática ingênua, “racional” e “neutra” da maioria dos pesquisadores ambientais que: (a) diante da crônica falta de recursos e políticas oficiais de fomento à pesquisa, e (b) alheios às modernas estratégias de *marketing* que a mídia oferece, distanciam-se dia-a-dia das necessidades *percebidas* dos profissionais de projeto, construtores e cidadãos. Suas descobertas são divulgadas em linguagem incompreensível para a grande maioria, ficando restritas ao reconhecimento de uns poucos (e bem intencionados) pesquisadores “iniciados”.

O hermetismo científico, que desconsidera aquilo que não pode ser racionalmente demonstrado — mas que pode ser experimentado ou percebido, tal como a doçura do açúcar —, contribui para tornar o “abismo” existente entre ciência e vida cada vez mais profundo .

No caso específico da arquitetura bioclimática, a APO favorece o surgimento de trabalhos que procuram adaptar o ambiente construído aos hábitos e costumes consagrados. Trabalhos que reconhecem que todas as questões e paixões que dão sentido à vida humana são condição necessária à recuperação do ambiente construído a partir de um *enfoque* mais preocupado com as coisas vivas do que com a “ciência” em si mesma.

Os três cenários desenhados na *INTRODUÇÃO* evidenciam a necessidade de algumas medidas que extrapolam o âmbito deste estudo, denominadas conclusões estruturais:

A exemplo de *Cosmos* (1981), onde Carl SAGAN procura divulgar e popularizar a ciência, é necessário resgatar os *valores* e a *qualidade sem nome*, abandonados em troca de hábitos, costumes e idéias importados. Nesta empreitada *cultural*, devem ser utilizados os mesmos veículos e técnicas até então empregados em sua destruição: confirmando as *brechas* de ALTHUSSER², em *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado* (1970): a relação entre pesquisadores, escola e comunicações — especialmente televisão, cinema, grande imprensa e, no

² Segundo Althusser, pensador marxista, a luta de classes deve se dar nos aparelhos ideológicos de estado (AIE) — AIE religioso, AIE escolar, AIE sindical, AIE cultural, etc. — que, por serem são múltiplos e agirem pela ideologia, têm um controle mais difícil e explicitam mais facilmente as contradições (brechas). De todos os AIE, o autor considera, na atualidade, o escolar o mais importante: [...] *nenhum AIE dispõe durante tanto tempo, da audiência obrigatória e gratuita, 5 a 6 dias em 7 que têm a semana à razão de 8 horas por dia, da totalidade das crianças da formação social capitalista* [...] (ALTHUSSER 1970: 2).

caso dos arquitetos, a maioria das publicações especializadas — precisa ser revista e reformulada para que a recuperação do ambiente construído seja viabilizada.

Também o *imaginário coletivo* dos cidadãos deve ser melhor estudado e considerado, em sua dimensão interdisciplinar ontológica, com o objetivo de orientar os arquitetos em sua constante luta pela *concretização do belo*, em um novo compromisso social e histórico com seu tempo, determinado pelo *inconsciente coletivo* de cada lugar.

A omissão do poder público (DEL RIO 1991) sugere a necessidade de definição de estratégias e políticas de médio e de longo prazo, que (a) assegurem que as relações ambiente-construído/meio-ambiente sigam a analogia da *onda* e do *oceano* de R. D. LAING; (b) reconheçam que o ambiente-construído não pode continuar a ser tratado como matéria prima de interesses setoriais, em prejuízo do meio-ambiente; (c) priorizem o investimento em programas interdisciplinares de conservação de energia e de percepção ambiental.

A inadequação e defasagem curricular dos cursos de Arquitetura e Urbanismo brasileiros e de seus quadros docentes deve ser objeto de ampla reflexão e discussão interdisciplinar, não restrita somente ao olhar do especialista. O arquiteto que deve repensar sua ação e formação a partir das necessidades e problemas percebidos pelos cidadãos; a visão ingênua e “focalista” da realidade deve ser substituída por uma outra que ocupe-se com os *homens concretos* que habitam as diferentes realidades percebidas, e não com “desafios” semelhantes ao proposto por Edmundo MUSA (VEJA 09/09/92: 19).

Em relação às conclusões específicas ao objeto do estudo, o trabalho demonstra que o ambiente construído do RB1 é um *organismo* dotado de *sentido*, que lhe é atribuído pelos diversos *olhares*; é um *organismo* que participa de uma *consciência do universo percebido*: ao mesmo tempo em que é uma entidade distinta — uma *onda* —, é também um universo — um *oceano* — sem nenhuma separação definitiva, formada pelas percepções individuais e pelo conjunto de percepções de seus ocupantes, que interagem com o edifício, assumindo *formas de vida* variáveis conforme o uso a eles determinado.

A partir desta interação, surge o estado de *bem-estar* ou *conforto* percebido, que transcende os limites do conceito adotado pela abordagem bioclimática “tradicional”, na medida em que:

- no RB1, suas diferentes conotações simbólicas, sua *persona* e sua *anima* — elementos determinantes do seu *inconsciente coletivo* —, confirmam a hipótese de que as formas de relação do organismo ocupantes-edifício não seguem a lógica formal predominante no estudo do ambiente construído; o edifício continua a ser *cultuado* por muitos, apesar dos ambientes internos apresentarem problemas quer no aspecto desempenho — custos operacionais e falhas de projeto —, quanto no sensível — sensação de desconforto devido ao calor radiante e aos índices de iluminamento;
- apesar de não atender satisfatoriamente às exigências físicas do conforto humano, nos aspectos ligados ao conforto higrotérmico e lumínico, as pessoas sentem uma espécie de *ilusão de conforto*, possivelmente provocada pela interferência dos valores simbólicos. De um modo geral, as pessoas gostam de trabalhar no prédio, se sentem bem, apesar dos problemas detectados tanto nas medições como em 2.2.2. *Avaliação pelos Ocupantes.*;
- que a percepção desta sensação e de sua importância para a análise compreensiva do RB1, percebida pelo autor quando deixa de focar apenas o objeto (edifício), para observar os *sujeitos* (ocupantes), abandonando a *neutralidade técnica* e tornando-se, também ele, um *ocupante*.

O estudo confirma, ainda, que é preciso reconhecer a influência dinâmica que os símbolos e a cultura produzem na sensação de *conforto*, através do intelecto — *deformações sensoriais e perceptivas* —, que varia segundo o sentido ou o *humor* da observação.

O forte conteúdo imagético do RB1 é determinante nas sensações de seus ocupantes, que se sentem orgulhosos, valorizados, pelo fato de trabalharem no edifício. A sensação transmitida pelos ocupantes ao autor, é que fazem parte de um pequeno grupo de privilegiados. O novo *mapa contextual* proposto possibilita ao autor *perceber* o organismo RB1 segundo uma dimensão totalmente diferente de sua percepção inicial. É possível afirmar que o RB1 adquiriu, nestes dois anos de *convívio*, importância significativa na percepção e, principalmente, na análise do ambiente construído.

As conclusões apresentadas confirmam a necessidade de superar o enfoque tradicional do *conforto ambiental* — estigmatizado como ciência racional — e sugere as possibilidades que o desenvolvimento e a aplicação da *abordagem bootstrap* podem proporcionar ao estudo da percepção ambiental e do *conforto* humano, fundamentais para recuperar a *qualidade sem nome* do ambiente construído.

